

19 DEZ 1991

A visita da saúde

JORNAL DA TARDE

Econ. Brasil

Embora continue num nível extremamente elevado, a inflação em São Paulo vem perdendo força. Pela quarta vez consecutiva, a variação média dos preços num período de quatro semanas, calculada pela Fipe, apresenta redução. No período encerrado no dia 8 de dezembro o índice da Fipe apresentou alta de 23,62%, quase quatro pontos percentuais menos do que a variação observada um mês antes.

Do final de maio até o início de novembro, o índice da Fipe subiu ininterruptamente, passando de 5,76% para 27,31%, o nível mais alto do ano. O salto mais expressivo ocorreu entre setembro e outubro, quando a inflação medida pela Fipe passou de 16,21% para 25,7%. Não se pode deixar de observar que as quedas das últimas semanas constituem um raro fato positivo num ambiente econômico coberto de incertezas quanto ao futuro próximo. Mas seria irresponsabilidade omitir a hipótese de que este fenômeno seja apenas a "visita da saúde" que precede o agravamento da doença, conforme o dito popular.

A equipe econômica do governo, conforme objetivos explicitados na carta de intenções enviada à diretoria do Fundo Monetário Internacional (FMI) no início deste mês, pretende seguir em 1992 uma política de forte aperto monetário, de modo a manter a inflação descendente (20% em março, 12% em junho e 2% em dezembro). Diante da incapacidade do governo e da classe política de chegar a um entendimento que permita a adoção de medidas que removam, de fato, as causas estruturais da inflação, não resta à equipe econômica outra opção senão aprofundar as medidas que vem adotando. O custo social e econômico dessa política, no entanto, é extremamente elevado. A retração dos negócios leva empresas à insolvência e trabalhadores ao desemprego e, em alguns casos, ao desespero.

Só na primeira semana de dezembro, a indústria paulista demitiu 6.500 trabalhadores. Os dados de emprego levantados pela Fundação Seade mostram que a crise é mais séria na indústria. No mês passado, a in-

dústria da Grande São Paulo demitiu 54 mil pessoas. O comércio, no entanto, empregou, nas vésperas do Natal, 62 mil pessoas, com o que o resultado global foi positivo. É preciso não esquecer, porém, que o aumento do emprego no comércio é sazonal, motivado pelas vendas de final de ano.

A maior parte dos setores da indústria vive uma situação muito difícil. É o caso das indústrias de máquinas, que apresentou seu balanço anual anteontem. Ao longo deste ano, sua produção encolheu 16%, os pedidos em carteira diminuíram 20% e o número de empregados foi reduzido em 18%. Quadro semelhante se apresenta em quase todos os outros setores.

Apesar desses números, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério da Economia, prevê que a indústria brasileira poderá registrar, neste ano, ligeiro crescimento, de 0,5%, em relação ao ano passado. A previsão do Ipea, porém, deve ser vista com ressalvas. É preciso não esquecer que a base de comparação (a produção de 1990) é extremamente baixa: no ano passado, a produção industrial foi 9,5% inferior à de 1989.

Esses dados, associados ao baixo nível de vendas observado neste final de ano e à decisão da equipe econômica de manter o aperto monetário, estão levando os bancos a se prepararem para o aumento da inadimplência já no próximo mês. É isso, de fato, que ocorrerá se o desentendimento entre a classe política e o governo continuar paralisando o Congresso.

A rota de saída da crise começa a ser desenhada, como observamos ontem aqui, por lúcidas lideranças sindicais e empresariais que colocam como essencial, neste momento, não apenas a retomada da atividade econômica mas também a definição de mudanças institucionais que ponham o País no rumo da modernidade. Se os políticos e os governantes não superarem seus interesses mais mesquinhos para passar a pensar na Nação, a sociedade poderá fazê-lo por sua própria conta. Mas, então, o custo será muito mais alto.